

O CAMINHAR COMO POÉTICA

Vera Maria Bagatoli, Universidade do Estado de Santa Catarina UDESC

Resumo: Este artigo tem como questão central o caminhar como elemento construtivo para a elaboração das poéticas artísticas de Francis Alys (análise da obra *The Collector*) e da obra literária de Charles Baudelaire - na configuração do personagem *flâneur*. Ambos consideram o caminhar uma atividade criativa e indispensável para execução de suas obras. Eles caminham sem trajeto definido por ruas da cidade onde coletam referências conceituais e objetos materiais para compor suas propostas. Como transeuntes atentos, observam e vivenciam as experiências cotidianas da metrópole -, como poeta e artista recriam constantemente a cidade por meio de palavras ou plasticamente.

Palavras-chave: caminhar, Francis Alys, Baudelaire, *flâneur*, cidade.

The poetic walking

Abstract: *This article has as central subject the walking as constructive element for the elaboration of the poetic ones artistic of Francis Alys (analysis of the work The Collector) and of Charles Baudelaire's literary work - in the configuration of the character flâneur. Both consider the walking a creative and indispensable activity to walk for execution of their works. They walk without defined itinerary for streets of the city where collect conceptual references and material objects to compose their proposals. As attentive pedestrians, observe and they live the daily experiences of the metropolis -, as poet and artist they constantly recreate the city through words or artistically.*

Words-key: to walk, Francys Alys, Baudelaire, flâneur, city.

Caminhar, o que torna essa ação tão tipicamente humana um elemento poético? Seria aquele que delimita o trajeto e o ritmo dos passos em uma perfeita sincronia entre ação-espço-tempo? Seria o mistério ou a beleza escondida em cada esquina, em cada pequena ruela, nos campos e nas barulhentas avenidas? Ou então, seria a curiosidade do homem e o seu desejo de lançar-se à deriva?

O fio condutor para esta reflexão será a análise da obra *The collector* do artista plástico Francis Alys e o conceito de *flanêrie* indicado pelo principal poeta da Modernidade, Charles Baudelaire. Ambos entendem o ato de caminhar como um mecanismo de coleta e como sendo parte fundamental para a elaboração de suas obras.

Francis Alys é de origem Belga (1959), entretanto reside grande parte do seu tempo no México desde 1987. Quando, devido a sua formação em arquitetura, foi contratado para integrar um programa governamental de auxílio

na reconstrução de cidades devastadas por um furacão. Desde então, Alys escolheu a fervilhante, cosmopolita e multifacetada cidade do México como moradia e como palco para muitas de suas atuações. É somente na capital de sua pátria eleita que ele dá início às suas experimentações artísticas, e onde o perambular se sobrepõe ao edificar. (FEEKE, 2005, p.4)

A partir de meados da década de 90 a sua obra passa a ser inserida nos principais circuitos de arte contemporânea, como nas Bienais de Havana (1994), São Paulo (1998), Istambul e Melbourne (1999), Veneza (1999, 2001) e do Mercosul (2003,2007). O conjunto de sua produção é composto por diferentes linguagens e mídias, tais como: desenhos, pinturas, anotações, mapas, postais, objetos, imagens fotográficas, vídeos, animações e também por meio de ações performáticas. Alys, de maneira perspicaz articula e relaciona características da arte tradicional e pós-moderna. Suas experiências plásticas apresentam afinidades como os movimentos Dadaísta, Surrealista, Conceitual, *Land Art*, Fluxus e Situacionista. Ao passo que suas construções poéticas apresentam como traços relevantes: a proximidade entre arte e vida, o paradoxo entre realidade e imaginação, a desmaterialização do objeto de arte, a valorização do processo em detrimento do resultado estético, o possível engajamento da arte na esfera social e política e a utilização da cidade como espaço de prolífera significação e propícia a experimentações (McEVILLE, 1994). ⁱ“Suas propostas, mais do que a intenção de unificar realidades culturais, sociais e estéticas extremamente diversas, são tentativas modestas de aproximar e conciliar – sempre em difícil equilíbrio – obstáculos, distâncias e diferenças.” (CARVAJAL, 1998, p. 4-5).

Para Francis Alys caminhar é uma atividade criativa, é por meio dela que ele encontra referências conceituais e objetos materiais para compor as suas experiências artísticas. Como ele mesmo relata:

ⁱⁱ(...) Eu passo parte do meu tempo caminhando pela cidade (...). Com freqüência a concepção inicial de um projeto surge durante uma caminhada. Como um artista, minha postura é similar aquela de um transeunte - tento constantemente situar-me no entorno que se move. Meu trabalho é uma série de anotações e registros. A invenção da linguagem coincide com a invenção da cidade. Cada uma de minhas intervenções é um outro fragmento de uma historia que eu estou inventando, sobre a cidade que eu estou mapeando. (ALYS apud KIM, 1994).

Ao longo dos percursos cuja rota ou duração não são pré-determinadas, o artista posiciona-se como um observador atento à realidade cotidiana da cidade. ⁱⁱⁱⁱ“Essas experiências são animadas pela sedução e afinidade que sente diante do impulso desconcertante e vital de agentes, situações, imagens e contatos provocados por uma cultura urbana imersa em grandes polaridades.” (CARVAJAL, 1998, p. 5). Durante as suas andanças a condição de forasteiro é retomada. O seu olhar perante o entorno é similar ao de um turista; o qual ansiosamente procura desvendar o novo local sem, no entanto, misturar-se completamente a ele. Sua postura como transeunte é paradoxal, presença e distância dialogam.

Em 1991 Francis Alys desenvolveu o trabalho ao qual denominou *The collector* (Figuras 1 e 2).



Figura 1.
Francis Alys (colaboração de Felipe Sanabria)
(Bélgica, 1959 -)
The Collector, Cidade do México, 1991-1992.
Cachorro magnetizado com rodas, vídeo, fotografia, mapas, esboços e anotações:
dimensões variáveis.
Exposição: **A idade das discrepâncias: Arte e cultura visual em México 1968** - MALBA –
Argentina, 2008.



Figura 2.
 Francis Alys (colaboração de Felipe Sanabria)
 (Bélgica, 1959 -)
The Collector, Cidade do México, 1991-1992.
 Cachorro magnetizado com rodas, vídeo, fotografia, mapas, esboços e anotações:
 dimensões variáveis.
 Exposição: **A idade das discrepâncias: Arte e cultura visual em México 1968-1997**
 MALBA – Argentina, 2008.

Ele consiste na confecção de um pequeno brinquedo cuja forma remete a de um cachorro e assim pode ser entendido se considerarmos não apenas a sua aparência física, mas a função por ele assumida junto ao desejo de assim o nomear de quem o manipula ou o observa. Makowiecky (2003, p.16) pauta-se em Gombrich para dizer que “o contexto da ação cria as condições para a ilusão.” Este ‘brinquedo/cachorro’ é magnetizado e possui rodinhas, desta maneira atende a expectativa de Alys, que é a de ‘passear’ com ele pelo centro histórico e arredores da Cidade do México e coletar vestígios e detritos do espaço urbano que o cerca. Durante vários dias essa ação se repete e apenas se encerra quando o ‘pequeno cachorro’ estiver coberto por objetos metálicos -, objetos estes que normalmente passam despercebidos aos habitantes da cidade. “Francis Alys se apropria dos restos, do lixo, dos indícios do ambiente econômico e cultural de determinados lugares. Cria uma curadoria da rua.” (4º BIENAL do MERCOSUL, Ação Educativa, 1994). O registro desta ação é apresentado no museu de diferentes maneiras. Alys expõe junto ao ‘brinquedo/cachorro’ e aos resíduos por ele capturado, desenhos e pinturas de pequeno formato, postais, anotações, mapas que relatam e recriam os trajetos

percorridos ou imaginados, fotografias e um vídeo documental. A cada nova exposição eles são cuidadosamente reorganizados (Figuras 3 e 4).

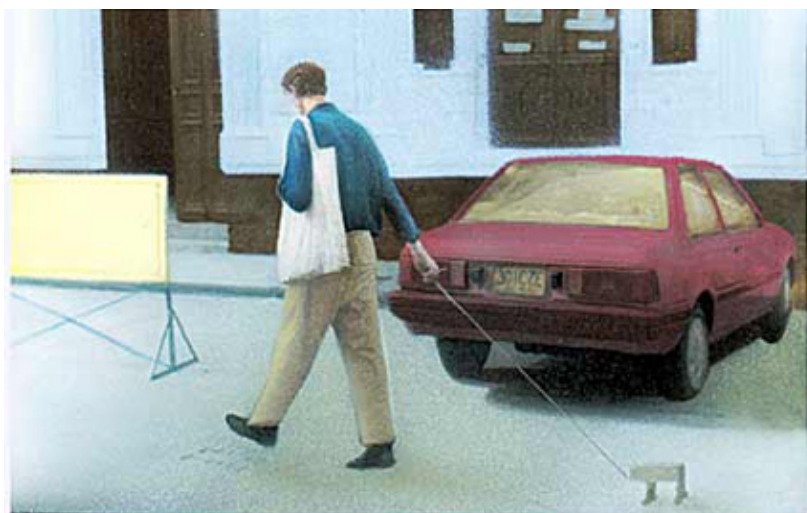


Figura 4.
Francis Alys, (colaboração de Felipe Sanabria)
(Bélgica, 1959 -)
The Collector, Cidade do México, 1991-1992.
Cachorro magnetizado com rodas, vídeo, fotografia, mapas, esboços e anotações:
dimensões variáveis.
Exposição: **A idade das discrepâncias: Arte e cultura visual em México 1968-1997**
MALBA – Argentina, 2008.



Figura 4.
 Francis Alys (colaboração de Felipe Sanabria)
 (Bélgica, 1959 -)
The Collector, Cidade do México, 1991-1992.
<http://www.sudsandsoda.com/notes/frieze06.html>

É evidente, que o processo é primordial para a efetivação desta obra, entretanto é visível a preocupação estética de Alys ao materializá-la plasticamente: ao editar o vídeo, selecionar as imagens fotográficas e ao representar pictoricamente (Figuras 5). As pequenas pinturas que são agregadas junto às instalações apresentam características que as aproximam de obras Surrealistas (especialmente as de Magritte) devido à atmosfera irreal que banha as imagens e a escolha de cenas por vezes insólitas; da obra de Hopper devido ao vazio e a solidão presentes nas representações; e também, estabelecem relações com a estética publicitária popular do México.



For an indeterminate period of time, the magnetized collector takes a daily walk through the streets and gradually builds up a coat made of any metallic residue lying in its path. This process goes on until the collector is completely covered by its trophies.

Figura 5.
 Francis Alys
The Collector, Cidade do México, 1991-1992.
 Cachorro magnetizado com rodas, vídeo, fotografia, mapas, esboços e anotações: dimensões variáveis.
 Postal; a partir de uma pintura a óleo.
 Exposição: **A idade das discrepâncias**: Arte e cultura visual em México 1968-1997 - MALBA – Argentina, 2008.

Este trabalho é a lembrança de uma experiência vivida e a qual é transmitida de forma narrativa, porém fabulosa -, já que mistura ficção e realidade. Diante dos registros da ação performática e dos indícios capturados

ou idealizados, o espectador é convidado a reconstruir a ‘história’ do trajeto percorrido - dupla rememoração. Ao passo que, “rememoração é função simbólica, profunda e essencial, puxando para o intelecto e o imaginário.” (Makowiecky, 2003).

Ao passear com o seu ‘cachorro’ Alys retoma uma brincadeira de criança e por recontextualizar esta ação banal a envolve de novos significados artísticos ou políticos. *The collector*, e não apenas este trabalho, é percebido num primeiro momento com certo humor e com certa aura lúdica. Entretanto, a sua compreensão não pode ser restringida a esta impressão inicial e se cristalizar como uma leitura reducionista. Na concepção de Alys ^{iv} “Eles podem sugerir certa distância, mas rir é um sintoma de incompreensão (...) uma simples manifestação de uma anulação da inteligência”. (ALYS apud FEEKE, 2005, p.1-2).

Como desdobramento desta experiência, o artista confecciona um par de sapatos magnetizados, e durante a V Bienal de Havana em 1994 após calçá-lo percorre a cidade para uma nova apropriação dos restos da paisagem urbana. Junto a eles, mapas que atestam o traçado de seus percursos diários são expostos (Figura 6).



Figura 6.
Francis Alys
Sapatos Magnéticos, 1994.
Sapatos magnetizados cartões-postais, fotografias e vídeo: dimensões variáveis.
http://www.bienalmercosul.art.br/4bienal/site/pdf/4BM_Caderno.pdf

Alys no processo de registrar, interpretar e configurar artisticamente a sua versão das ruas e locais nos quais transita ociosamente; não apenas corporifica uma visão possível da cidade (e não a verdadeira), mas instiga o observador a prestar mais atenção no contexto urbano ao qual pertence. Ele não o convida à simplesmente contemplar as características físicas e arquitetônicas da cidade, mas para refletir acerca do que ela pode lhe oferecer enquanto espaço de convivência (lazer e trabalho). Suas poéticas singulares levam o espectador a penetrar na esfera política e a rever o seu papel de cidadão - sujeito e coletivo -, e o de quem detêm o poder.

Esse 'humor' prévio enraizado na utilização de situações banais ou pouco prováveis permite uma associação ao estado de espírito que Baudelaire denomina de 'convalescente' e que associa a uma volta à infância. O poeta nos diz que "O convalescente goza, no mais alto grau, como a criança da faculdade de se interessar intensamente pelas coisas, mesmo por aquelas que se mostram as mais triviais' e que "a criança vê tudo como novidade; ela está sempre inebriada" (BAUDEILARE, 1988, p. 168).

Nas palavras de Baudelaire, Francis Alys poderia ser definido como um homem de gênio. Sendo o gênio "(...) a infância redescoberta sem limites; a infância agora dotada, para expressar-se, de órgãos viris e do espírito analítico que lhe permitem ordenar a soma de materiais involuntariamente acumulada". (BAUDEILARE, 1988, p. 169).

Assim como Alys, o próprio mentor desta colocação é um sujeito de gênio e se encontra em estado de convalescença quando se dispõe a observar as mudanças ocorridas em Paris com a chegada da Modernidade (final do século XIX). Baudelaire, apesar de sua melancolia e visão paradoxal em relação ao "novo", tem interesse pelas ruas - agora amplas e iluminadas, pelas vitrines, pelos *boulevards*, e especialmente pelas pessoas que ali circulam e se aglomeram. Ele, na configuração de poemas, descreve a velocidade do tempo moderno e seu caráter transitório, as inovações e comodidades que agora podem ser desfrutadas, os costumes, a moda e através de alegorias os personagens da cidade (prostitutas, jogadores, pedintes, colecionadores, detetives, turistas). Como sintetiza Menezes (2006, p.04), Baudelaire transforma em poesia uma cidade, faz de Paris a verdadeira protagonista.

Charles Baudelaire encarna o papel de um personagem por ele mesmo descrito - o do *flâneur* - quando busca elementos para a construção de suas obras literárias. O *flâneur* é o homem “solitário dotado de uma imaginação ativa, sempre viajando através do *grande deserto de homens*”. É aquele, segundo o autor, que “vai, corre, procura (...) busca esse algo, ao qual se permitirá chamar de Modernidade” (BAUDEILARE, 1988, p. 173). É o transeunte ocioso, cosmopolita, que por opção faz do mundo o seu lar e distrai-se colecionando fisionomias e relatos da vida cotidiana - tudo lhe interessa e lhe desperta a atenção. Faz do caminhar sem destino um ritual de coleta e de contemplação do espetáculo urbano. O ritmo de seus passos é descompassado ao imposto pelas engrenagens das fábricas e pelos relógios do homem moderno; entretanto, ele deixa-se guiar apenas por seus impulsos.

O independente apaixonado e imparcial *flâneur* têm como alguns de seus pequenos prazeres “ver o mundo, estar no centro do mundo e permanecer oculto do mundo” (BAUDEILARE, 1988, p. 170) para assim exercer plenamente a sua profissão que é ‘*desposar a multidão*’. No seu íntimo, ele “É um *eu* insaciável do *não-eu*, que a cada instante o revela e o exprime em imagens mais vivas do que a própria vida, sempre instável e fugidia”. (BAUDEILARE, 1988, p. 171).

‘Ver o mundo e estar no centro do mundo’ é um desejo compartilhado por Francis Alys, entretanto, ‘permanecer oculto ao mundo’, não é uma preocupação comum. A condição de anonimato não é obrigatória para a prática de suas atividades artísticas -, ela pode ocorrer ou não. Diferente de Baudelaire, Alys no papel de observador não aspira à posição de “um príncipe que frui por toda a parte do fato de ser incógnito”. (BAUDEILARE, 1988, p. 170). Será esta ousadia, ou indiferença, a nova roupagem de um *flâneur* pós-moderno?

É previsível que muitas das ações praticadas por Alys despertem a atenção das pessoas que dividem com ele o mesmo espaço urbano. Como não ‘esticar os olhos’ e despender alguns minutos para uma cena tão ‘estranha’: um rapaz de aparência comum - jovem, alto, magro - passeando calmamente com um cachorro de brinquedo? E, sobretudo, com um ‘brinquedo’ que coleta lixo! Quem é o sujeito? Por que ele não escolheu um animal de verdade como bichinho de estimação? Por que coletar essa pequena quantidade de lixo, se

existem profissionais que são remunerados para esta atividade? Será que ele é insano? Não... Ele deve ser um ator, porque alguém o segue e o filma.

Sua ação para muitos espectadores se restringe a uma constatação e a uma pequena curiosidade. Somente para os mais sensíveis e com um repertório cultural diferenciado ela significa mais do que uma quebra no fluxo diário. No entanto, a leitura e o entendimento do trabalho são modificados e potencializados quando a cena é vista dentro de um museu. A alteração ocorre não apenas devido ao acréscimo de significados decorrentes do deslocamento, mas especialmente por parte dos observadores que agora se encontram predispostos à reflexão. McEville (1994) afirma que a obra de Alys deve ser 'lida' como texto; por se distanciar da concepção Modernista de obra de arte como puramente óptica e contemplativa, ela se apresenta como um 'quebra-cabeça' a ser composto.

Assim como o morador da recém-moderna Paris se reconhecia nas descrições poéticas de Baudelaire, o sujeito contemporâneo ao estar diante da obra de Alys identifica elementos e situações recorrentes na esfera urbana -, o que de certa maneira globaliza a compreensão e o alcance de suas poéticas. Apesar de ele trabalhar em locais específicos, as cenas e os ambientes escolhidos se reproduzem em diversas metrópoles - durante o seu perambular, ele observa os transeuntes das praças, os moradores de rua, os catadores de sucata, os resíduos do consumismo; e também, as cenas de apreensão e violência urbana e os rituais contemporâneos coletivos.

Podemos concluir que, tanto o artista quanto o poeta compartilham da percepção de Barro (2005) de que 'caminhar é encontrar'. Eles encontram nesta ação a possibilidade de não apenas visualizar, mas de vivenciar a cidade – esse organismo complexo, intenso e em constante mutação. O sentido de 'vivenciar a cidade' vai de encontro ao que aponta Merleau-Ponty:

(...) a experiência do corpo nos ensina a enraizar o espaço na existência. Ser corpo (...) é estar atado a um certo mundo, e nosso corpo não está primeiramente no espaço: ele é no espaço." (MERLEAU-PONTY apud SPERLING, 2006, p. 4-5).

Baudelaire e Alys - moderno, ou pós-moderno, esses sujeitos praticantes da *flânerie*, tiram as vendas que nos impedem de 'ser no espaço', de ver as

pequenas sutilezas e experiências do dia-a-dia, o outro e o ambiente que nos cerca. Como Baudelaire mesmo previu, “Poucos homens são dotados da faculdade de ver; há ainda menos homens que possuem a capacidade de exprimir”. (BAUDEILAIRE, 1988, p. 172). Será que somos um deles?

Após esta breve análise, somos levados a crer que o que torna o caminhar um elemento poético não é nem a ação em si praticada pelo sujeito, nem o lugar no qual ela acontece. Mas, as conexões estabelecidas pelo transeunte entre sujeito-espaco-tempo e, a sua capacidade de materializar a experiência vivenciada de maneira que ela possa ser inserida no contexto artístico. A arte pode ser comparada com um “(...) caminhar sem mapas, sem rota pré-concebida, sem princípio nem fim, para o espectador-leitor seria uma espécie de hipertexto, enquanto “texto em movimento” que jamais acaba de ser lido, que parece ser feito de um conjunto de começos e alternativas que nunca produzem um final.” (BARRO, 2005, p.1-2).

Notas

ⁱ Sus propuestas, más que el intento de fusionar realidades culturales, sociales y estéticas em extremo diversas, son tentativas modestas por cruzar y conciliar – siempre em difícil equilibrio – obstáculos, distancias y diferencias.

ⁱⁱ Tradução livre – site 4º Bienal do Mercosul.

ⁱⁱⁱ Estas experiencias son animadas por la seducción y afinidad que siente ante el pulso desconcertante y vital de gentes, situaciones, imagines y contactos provocados por uma cultura urbana inmersa em grandes polaridades.

^{iv} It may permit a certain distance but laughter is a symptom of incomprehension (...) a simple manifestation of the defeat of intelligence.

Bibliografia

BARRO, David. **Um passo mais**. Portugal, mar. 2005. < <http://viriatu.blogspot.com> > . Acesso em: 18 out.2008.

BAUDELAIRE, Charles. **A modernidade de Baudelaire**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

CARVAJAL, Rina. **Rutas – América Latina**, in: *Roteiros, roteiros, roteiros...* Curadoria Paulo Herkenhoff, Adriano Pedrosa. São Paulo, XXIV Bienal Internacional de São Paulo, vol.2, 1998.

FEEK, Stephen. **Francis Alÿs: Walking distance from the Studio.** In: Papers of Surrealism Issue 3Spring 2005. Acesso em: 18 out.2008.

<http://www.surrealismcentre.ac.uk/papersofsurrealism/journal3/acrobat_files/Francis.pdf>

KIM, Edgardo Ganado. 4º Bienal do Mercosul – Ação Educativa, Porto Alegre 1994.

<http://www.bienalmercosul.art.br/4bienal/site/pdf/4BM_Caderno.pdf>. Acesso em: 20 out.2008.

MAKOWIECKY, Sandra. **Representação: a palavra, a idéia, a coisa.** In: Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas - PPGICH, 57. , 2003. UFSC. Florianópolis.

McEVILLE, Thomas. **Catálogo da exposição Francis Alys: The liar The of the Liar.** Galería Ramis Barquet, México, 1994.

MENEZES, Marco Antonio de. **Baudelaire: o poeta da cidade moderna.** In: Seminário Arte e Cidade da UFBA, Mai. 2006, Salvador.

<<http://www.artecidade.ufba.br/artecidade.swf>>. Acesso em: 24 out.2008.

SPERLING, David. **Corpo + Arte = Arquitetura. As proposições de Hélio Oiticica e Lygia Clark.** In: Seminário Arte e Cidade da UFBA, Mai. 2006, Salvador.

< <http://www.artecidade.ufba.br/artecidade.swf>>. Acesso em: 24 out.2008.

Currículo

Vera Maria Bagatoli, bacharel em Pintura pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná/ EMBAP (1998), especialista em História da Arte do Século XX, pela mesma instituição (2003). Mestranda do programa de pós-graduação em Artes Visuais do CEART/UDESC (2008 -), sob orientação do professor Dr. Antonio Vargas Sant' Anna. Docente no Centro Universitário de Jaraguá do Sul (2003 -) nos cursos de Moda e Design.